

A identidade nacional na crônica esportiva de Nelson Rodrigues

FRANCISCA ISLANDIA CARDOSO DA SILVA*

Resumo

A construção dialógica da identidade nacional brasileira ocorreu através da associação entre elementos da cultura popular ao peculiar jeito brasileiro de ser. Este artigo objetiva verificar de que forma o jornalista Nelson Rodrigues contribuiu para o reforço do mito de uma identidade nacional solidificada no futebol. Para tal intento, fez-se uma análise de crônicas publicadas no livro “À sombra das chuteiras imortais”, cujas narrativas refletem o desejo de afirmação da identidade nacional e da autenticidade cultural e a tensão entre os ideais civilizatórios. A crônica de Nelson Rodrigues identifica o “complexo de viralatas” como empecilho para que o brasileiro se torne um homem genial.

Palavras-chave: Brasil; Futebol; Literatura.

National identity in chronic sports of Nelson Rodrigues

Abstract

The dialogic construction of Brazilian national identity occurred through the combination between elements of popular culture to peculiar Brazilian way of being. This article aims to verify how the journalist Nelson Rodrigues contributed to the reinforcement of the myth of national identity solidified in football. For this purpose, an analysis was made of chronicles published in the book "À sombra das chuteiras imortais" whose narratives reflect the belief of affirmation of national identity and of cultural authenticity, and the tension between the ideals of civilization. The chronic of Nelson Rodrigues identifies the "complex of mutts" as a hindrance for the Brazilian to become a genial man.

Key words: Brazil; Football; Literature.



* FRANCISCA ISLANDIA CARDOSO DA SILVA é Mestra em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Introdução

Mudanças no Brasil na década de 30 exigiram uma ruptura com as teorias existentes até então sobre a identidade nacional, pois para constituir-se como nação, uma comunidade precisa alcançar uma consciência de identidade e de distinção quanto ao Outro – a alteridade. Intelectuais como Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda criticaram o comportamento do brasileiro que buscava imitar o europeu e elaboraram teses a respeito da identidade brasileira pautada na mestiçagem, ginga e criatividade; elementos identitários que, mais tarde, viriam a ser disseminados através do futebol (ORTIZ, 1994).

Ao fim do século XIX, o futebol chega ao Brasil e transforma-se em prática habitual entre a elite, servindo como elemento de diferenciação. Entretanto, em virtude de sua simplicidade material e de regras e de um processo de introdução e adaptação, essa exclusividade não perdurou e o futebol foi apropriado pelos outros setores sociais, tornando-se um importante referencial de repercussão social. Esse esporte passou a ser visto como espaço de sintetização da cultura nacional, isto é, local de encontro e intercomunicação entre tradições culturais que distinguem o Brasil dos outros países. A miscigenação mais cedo percebida como um estorvo ao desenvolvimento nacional e causa de vergonha, verteu-se em lugar de asseveração da singularidade brasileira (FREYRE, 2004).



Nelson Rodrigues (1912-1980)

O futebol deveria trazer os ideais civilizatórios da época: a tonificação de músculos junto ao *esprit. de corps*, a pedagogia da racionalização e o ideal do autocontrole (ELIAS; DUNNING, 1985). Tal foi o interesse em transformar esse esporte em elemento

de identificação nacional que o processo terminou por converter-se em política de Estado no governo Vargas e pode ser detectada até hoje (MICELI, 1979, VIANNA, 2012).

As equipes latino-americanas disputavam torneios internacionais vislumbrando uma possibilidade de, em alguma esfera, serem superiores visto que em campos como economia ou educação eram escassas as chances de sucesso quando comparadas às nações europeias (ANTUNES, 2004). O campo do futebol seria ideal para que o brasileiro extrapolasse suas potencialidades para outros planos e passasse a se ver como pertencente a uma nação. Com a popularização desse esporte não restam dúvidas, então, sobre a aptidão do brasileiro em ligar um elemento estrangeiro à sua cultura, a ponto deste ser visto como um dos grandes valores de sua nacionalidade.

O Brasil como país do futebol não é um dado natural, mas uma construção discursiva fruto, inclusive, de intelectuais de prestígio que atrelaram durante décadas o futebol a ideais de identidade nacional. Dentre tais intelectuais, destaca-se Nelson Rodrigues, dramaturgo e representante da literatura esportiva brasileira.

Nascido em Recife em 1912, Nelson Falcão Rodrigues, filho do jornalista Mário Rodrigues e de Maria Esther Falcão, teve de mudar-se, em 1916, para o Rio de Janeiro – em decorrência do posicionamento político do pai – o que marcou sua obra, afinal, segundo Castro (1992, p. 21):

[...] as vizinhas eram mesmo gordas e patuscas. Tinham bustos opulentíssimos, braços espetaculares e colares de brotoejas. Passavam o dia nas janelas, fiscalizando os moradores da rua e suspirando exclamações como ‘Deus é grande!’ e ‘Nada como um dia depois do outro!’. Seus maridos eram magros, asmáticos, espectrais e, à noitinha, postavam-se nas soleiras com seus pijamas de alamares e chinelos, esperando o garoto cujo pregão já se ouvia desde a Maxwell: ‘Eu sou um pobre jornaleiro/ Que não tenho paradeiro/ Vivo sempre a sofrer’. E puxava um fôlego extra para gritar: Olha ‘A Noite’! Era também uma vizinhança de solteironas ressentidas, de adúlteras voluptuosas e, não se sabe por que, de muitas viúvas – machadianas, só que com gazes enroladas nas canelas, por causa das varizes.

Entusiasta do futebol, quando adolescente Nelson se apresentava constantemente deprimido e abrigava-se lendo ou escrevendo.

Enchia resmas de papel com o que, olhado de esguelha, pareciam ser crônicas. Não se sabe ao certo o que eram, porque Nelson não mostrava uma linha a ninguém. Nem a Roberto, seu primeiro irmão em admiração. (CASTRO, 1992, p. 41)

A conexão entre literatura e esporte permite discutir temas essenciais para a construção da sociedade moderna: política, gênero, comportamento, consumo, entre outros, inclusive a

identidade nacional. Tendo isso em vista, o objetivo deste artigo é estabelecer um diálogo com as intenções de Nelson Rodrigues de ver o futebol como espelho dos dilemas da sociedade e sua possível contribuição do futebol para a construção da nação. Para tal intento, fez-se uma análise de crônicas publicadas no livro “À sombra das chuteiras imortais”, cujas narrativas repetitivas refletem os desejos de afirmação da identidade nacional, a tensão entre os ideais civilizatórios e de afirmação da autenticidade cultural.

A estética das narrativas literárias de Nelson Rodrigues

Stuart Hall (2006) aponta a literatura como um dos elementos significantes nas discussões sobre identidade nacional:

[...] há a narrativa de nação, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação. Como membros de tal ‘comunidade imaginada’, nos vemos, no olho de nossa mente, como compartilhando dessa narrativa. Ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste entre nós e continua existindo após nossa morte (HALL, 2006, p. 52).

Mesmo que o escritor não estabeleça um compromisso com as vias de fato, o contexto sócio-histórico é interpretado e se manifesta em sua obra como um elemento da estrutura do texto. Esta ideia é corroborada por Candido (2006),

o qual afirma que a obra literária dialoga diretamente com as influências sofridas pelo escritor.

Assim, a obra literária manifesta a ideologia de determinado grupo a respeito de um fato/fenômeno específico. Nas crônicas esportivas de Nelson Rodrigues, especificamente, manifesta-se a concepção do autor em que o futebol é configurado como símbolo da identidade nacional brasileira.

As três características principais das crônicas de Nelson Rodrigues são a obsessão, o exagero e a aversão à unanimidade, o que enquadra o cronista na proposta de Candido (2006) sobre a autonomia do autor, que envolve questões artísticas e pessoais determinantes de posição social e peculiaridades na escrita.

Nas décadas de 1930 e 1940 percebia-se uma disposição das obras brasileiras à imitação dos modelos europeus, mas Nelson desejava observar o cotidiano urbano do Brasil. Nota-se uma tendência à teatralização em suas crônicas esportivas onde a dramaticidade, o drama e a estética fazem das partidas mais simples, epopeias. Nelson se julgava um defensor da cultura popular e criticava intelectuais, estudantes, a esquerda e todos os que determinavam o futebol como o ópio do povo (ANTUNES, 2004). Segundo ele: “o intelectual brasileiro que ignora o futebol é um alienado de babar na gravata” (RODRIGUES, 1993, p. 152).

Segundo Benjamin (1987), o cronista encontra-se livre do encargo da explicação verificável, o que justifica a despreocupação de Nelson em transmitir o fato em si, que só teria importância se estivesse de acordo com suas posições. O autor utilizava-se

constantemente de hipérboles, adjetivos e um aspecto místico para não deixar dúvidas sobre as suas verdades. Nelson não diz que a derrota do Brasil para o Uruguai na Copa de 1950 foi medonha, ele diz que ela foi a Hiroshima brasileira. Em suma, Nelson imprimia em sua narrativa

[...] a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica [...]. Assim, seus vestígios estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata (BENJAMIN, 1987, p. 205).

Nelson utilizava metáforas como uma forma de transferência do sentido da palavra, não na sua forma denotativa, mas na relação que se torna possível estabelecer através do efeito de multiplicidade de sentidos. Outra característica que se enquadra ao narrador benjaminiano, é a dimensão funcional da crônica rodrigueana, que transpõe o objetivo de noticiar eventos e procura oferecer conselhos aos seus leitores através do seu discurso (BENJAMIN, 1987).

Para isto, Nelson utiliza-se de uma criação imagética, através da exposição de posicionamentos metafóricos que acabam potencializando o sentido, quebrando a linearidade do texto, criando novas apreensões visuais e sintáticas, através de imagens totalmente inusitadas. O cronista fazia uma espécie de conclamação aos seus leitores, e a partir daí mantinha uma discussão convincente, mostrando intimidade e fé no nestes. No caso

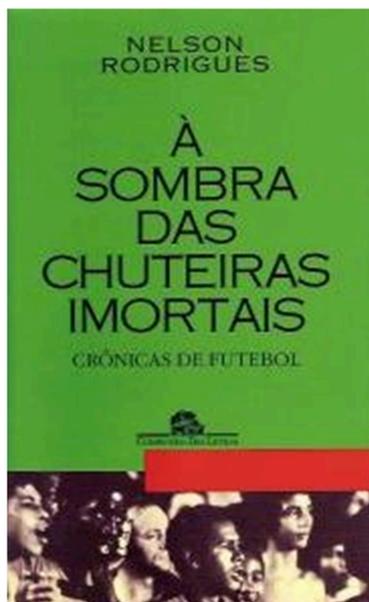
específico do espetáculo futebolístico, estas imagens não tem um planejamento prévio, pois dependem do que acontece no desenrolar do jogo para a sua construção emotiva, estabelecendo-se como epopeias que levavam o futebol a uma dimensão de eternidade.

A relação entre esporte e identidade nacional nas crônicas rodrigueanas

No livro de crônicas “À sombra das chuteiras imortais”, Nelson Rodrigues explica que o brasileiro padece de um grande mal, a carência de convicção no próprio valor e recusa de sua identidade, pondo-se constantemente em postura de inferioridade quanto ao estrangeiro, especialmente os europeus. Ele proferiu comentários ácidos aos colegas de imprensa que favoreciam a divulgação de imagens humilhantes do brasileiro.

O brasileiro gosta muito de ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo. Sim, amigos: – somos uns Narcisos às avessas, que cospem na própria imagem (RODRIGUES, 1993, p. 35).

O discurso rodrigueano é repleto de valores revelados através da paixão, do individualismo, da ginga e outras qualidades que o cronista considera representativas do brasileiro. Com o intuito de acentuar essa brasilidade, a obra de Nelson destina espaço privilegiado ao futebol ao considerar a destreza e a criatividade brasileira como um dos recursos que apontam um caminho para a construção de uma identidade nacional diferenciadora de outras nações. Além disso, o polêmico



posicionamento otimista de Nelson quanto ao futebol atraia tanto os que pactuavam quanto os que não pactuavam com ele. Assim, ele mantinha uma quantidade expressiva de leitores, o que garantia seu emprego.

Para Nelson, o futebol teria o potencial de reinventar tradições, de incitar a renúncia do “complexo de vira-latas” – produto da coação histórica – e edificar o sentido de patriotismo tão imprescindível ao Brasil. Por isso imprensa, para alcançar a vitória, a torcida e todos os envolvidos com o esporte deveriam aprimorar suas qualidades, ter consciência dos seus defeitos e apoiar/reforçar o papel de representação da seleção nacional e a grandeza do seu futebol.

Os fracassos da seleção nacional não seriam decorrentes apenas da falta de organização técnica e tática da equipe, mas principalmente, da recusa da narrativa do futebol brasileiro e da busca e valorização de narrativas importadas, do futebol europeu. Tais atitudes ratificam a posição de inferioridade – denominado pelo cronista como “complexo de vira-latas” – que corroía a possibilidade de notabilidade da seleção nacional. A defesa aos jogadores fez com que as crônicas de Nelson adquirissem um tom profético.

Por que perdemos, na Suíça, para a Hungria? Examinem a fotografia de um e outro time entrando em campo. Enquanto os húngaros erguem o rosto, olham duro, empinam o peito, nós baixamos a cabeça e quase babamos de humildade. Esse flagrante, por si só, antecipa e elucida a derrota. Com

Pelé no time, e outros como ele, ninguém irá para a Suécia com a alma dos vira-latas. Os outros é que tremerão diante de nós. (RODRIGUES, 1993, p. 51)

O “complexo de vira-latas” seria somente abandonado pelo brasileiro nos momentos de sucesso. No entanto, Nelson Rodrigues relata em “À sombra das chuteiras imortais” situações de vitória em que a reação dos torcedores era contrária à considerada normal. Segundo o cronista, a vitória brasileira sobre a seleção paraguaia em jogo preparatório para a Copa do Mundo de 1958

Em qualquer outro país, uma vitória assim límpida e líquida do escrete nacional teria provocado uma justa euforia. Aqui, não. Aqui, a primeira providência do torcedor foi humilhar, desmoralizar o triunfo, retirar-lhe todo o dramatismo e toda a importância. Atribuía-se a vitória não a um mérito nosso, mas a um fracasso paraguaio. Os guaranis passavam a ser pernas-de-pau natos e hereditários. Dir-se-ia que, por uma prodigiosa inversão de valores, sofreremos com a vitória e nos exaltamos com a derrota.

[...]

Há uma relação nítida e taxativa entre a torcida e a seleção. Um péssimo torcedor corresponde a um péssimo jogador. De resto, convém notar o seguinte: — o escrete brasileiro implica todos nós e cada um de nós. Afinal, ele traduz uma projeção de nossos defeitos e de nossas qualidades. Em 50, houve mais que o revês de onze sujeitos, houve o fracasso do homem brasileiro (RODRIGUES, 1993, p. 58).

Nesse trecho entende-se que a partida de futebol, mais do que uma competição esportiva, denuncia o confronto de culturas e identidades, marca diferenças

e individualiza. Segundo Nelson, um dos pontos de diferenciação do Brasil em comparação ao estrangeiro é a mestiçagem, característica da qual o brasileiro deve se orgulhar. A compreensão da mistura como o jeito de ser brasileiro conquista as massas também por meio do futebol.

A pura, a santa verdade é a seguinte: — qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: — temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de ‘complexo de vira-latas’. Estou a imaginar o espanto do leitor: — ‘O que vem a ser isso?’ Eu explico.

Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isso em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.

Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo (RODRIGUES, 1993, p. 62).

A percepção de Nelson Rodrigues sobre os jogadores de futebol aproximava-os de personagens teatrais. O jogador não era compreendido de forma absoluta como inocente ou culpado, tinha que ter algo de honesto e algo de canalha, é isso que lhe concedia humanidade. Aliás, para o cronista, esse perfil também era o da torcida, dos árbitros e de todos os componentes do esporte. Ou seja, o cronista não só traçava as características indispensáveis ao atleta, como também confirmava a necessidade em se impor a superioridade do país.

Escrita alguns meses antes da Copa de 58, a crônica “A realeza de Pelé” mostra o referido jogador como intrinsecamente envolvido no projeto de construção da identidade nacional. Nelson descobriu no garoto Pelé as qualidades que faziam dele o grande “rei” do futebol brasileiro. Não apenas o virtuosismo técnico e a criatividade lúdica que caracterizam o estilo futebolístico brasileiro, mas, principalmente, a bravura, a virilidade, a autoconfiança e a autoestima. Qualidades que possibilitavam a superação do “complexo de vira-latas” e que, por isso, haveriam de levar o escrete à vitória.

Pois bem: - verdadeiro garoto, o meu personagem anda em campo com uma dessas autoridades irresistíveis e fatais. Dir-se-ia um rei, não sei se Lear, se imperador Jones, se etíope. Racialmente perfeito, do seu peito parecem pender mantos invisíveis. Em suma: - ponham-no em qualquer rancho e a sua majestade dinástica há de ofuscar toda a corte ao derredor.

O que nós chamamos de realeza é, acima de tudo, um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: - a de se sentir rei, da cabeça aos pés. Quando ele apanha

a bola, e dribla um adversário, é como quem enxota, quem escorraça um plebeu ignaro e piolhento. (RODRIGUES, 1993, p. 49)

É perceptível no excerto acima o exagero em torno da relação entre Pelé e a sociedade brasileira, a qual seria teria capacidade para obter excelente desempenho nas mais variadas atividades (econômica, política, esportiva, entre outras) à medida em que reconhecesse seu potencial.

Nelson Rodrigues enxergava em Pelé a característica necessária à sociedade brasileira como um todo, a convicção de sua supremacia. Pelé era capaz de construir jogadas geniais porque confiava no seu potencial, era perspicaz e não se importava com a opinião alheia.

Quero crer que a sua maior virtude é, justamente, a imodéstia absoluta. Põe-se por cima de tudo e de todos. E acaba intimidando a própria bola, que vem aos seus pés com uma lambida docilidade de cadelinha. Hoje, até uma cambaxirra sabe que Pelé é imprescindível na formação de qualquer escrete. Na Suécia, ele não tremerá de ninguém. Há de olhar os húngaros, os ingleses, os russos de alto a baixo. Não se inferiorizará diante de ninguém. E é dessa atitude viril e mesmo insolente que precisamos. (RODRIGUES, 1993, p. 50)

Na crônica “Morrendo ao pé do rádio”, Nelson Rodrigues (1993) relata que no jogo contra o País de Gales (1 a 0 para o Brasil), o “garoto de cor”, Pelé, confirmou suas previsões ao decidir a partida com um gol que despertou nos brasileiros uma euforia brutal, num lance descrito como “um desses momentos em que cada um de nós deixa de ter vergonha e passa a ter orgulho de sua condição nacional” (p. 68). Por sua bravura, “dignidade racial”

(RODRIGUES, 1993, p. 70), autoconfiança, certeza e otimismo, Pelé tornou-se um símbolo da superação dos complexos que impossibilitavam ao brasileiro o exercício pleno de suas potencialidades e encorajá-lo à luta pela vitória. As qualidades de Pelé servem ao cronista como prova das virtudes do homem brasileiro, como símbolo da identidade brasileira.

Em “Descoberta de Garrincha”, Nelson relata partida da Copa do Mundo de 1958 entre Brasil e Rússia, a qual era apontada como uma das favoritas ao título mundial. O intento do cronista é exibir a graça de ser brasileiro e tornar o futebol mais que uma disputa, mas uma forma de arte. Nesse jogo, Garrincha, o protagonista da narrativa, estava em estado de graça. Bastava ao Brasil o empate, mas o placar final foi 2 x 0 para a seleção brasileira. Nelson Rodrigues exalta a simplicidade de Garrincha que, antes de ser um jogador, é um homem humilde de uma pequena cidade mineira e que nos primeiros três minutos de jogo “disparou pelo campo adversário, como um tiro. Foi driblando um, driblando outro e consta inclusive que, na sua penetração fantástica, driblou até as barbas de Rasputin” (RODRIGUES, 1993, p. 64).

Para Nelson, Garrincha suplantou o time russo e, até mesmo, o líder político daquele país. Dessa forma, Nelson transcende o campo do esporte aludindo questões políticas e conduz o leitor a pensar que naquele momento o poderio russo cairia aos pés dos jogadores de uma nação subdesenvolvida, pois se estava mostrando a uma potência europeia que o futebol racional era falho e a graça e leveza da ginga, do drible e do talento individual era a medida do sucesso. Com metáforas e adjetivos, o cronista constrói um jogador infalível e

com *status* de herói por dar visibilidade ao Brasil através do futebol-arte.

O cronista mostra que a autoconfiança é um fator decisivo para as partidas. Se Garrincha – mesmo com pernas tortas e uma difícil história de vida – não tivesse confiado que podia driblar todo o time russo, o Brasil talvez tivesse sofrido durante o jogo. Deste modo, Nelson edifica um herói fortemente ligado às suas origens e que não teme os russos. No trecho que segue, percebe-se bem esse aspecto:

Só um Garrincha poderia fazer isso. Porque Garrincha não acredita em ninguém e só acredita em si mesmo. Se tivesse jogado contra a Inglaterra, ele não teria dado a menor pelota para a rainha Vitória, o Lord Nelson e a tradição naval do adversário. Absolutamente. Para ele, Pau Grande, que é a terra onde nasceu, vale mais do que toda a Comunidade Britânica. Com esse estado de alma, plantou-se na sua ponta para enfrentar os russos. (RODRIGUES, 1993, p. 65).

Através de hipérboles, o cronista gera imagens com o intuito de oferecer ao leitor a sua leitura da realidade: um prazeroso espetáculo aos olhos de quem assistia à partida. Nelson faz da partida uma epopeia e diz que “realmente, jamais se viu, num jogo de tamanha responsabilidade, um time, ou melhor, um jogador começar a partida com um baile. Repito: baile, sim, baile!” (RODRIGUES, 1993, p. 64). Em outro trecho, o cronista diz que “quando, no segundo tempo, Garrincha resolveu caprichar no baile, foi um carnaval sublime. A coisa virou show de Grande Otelo” (RODRIGUES, 1993, p. 65). Sobre a reação do público que via a partida na Suécia, Nelson diz que estes soltavam uma “gargalhada cósmica” cada vez que Garrincha dava um drible. Os russos, que tinham a “inocência dos

passarinhos”, ficavam com uma “raiva obtusa” com os dribles sofridos (RODRIGUES, 1993, p. 65).

Para Nelson assim como a percepção de seleção passa por bons atletas, a ideia de nação passa por grandes sujeitos. A saída para a nação se encontraria em seu próprio interior, não na submissão ao que se tornara comum para outros países. Para o cronista homem brasileiro tinha peculiaridades que só a ele pertenciam. Pelé e Garrincha, juntos, sintetizariam o homem brasileiro: racialmente avançado e ao mesmo tempo moleque e viril, cordial e cínico, fantasioso e criativo, malandro e eficiente, objetivo e transgressor, fruto de nossa construção cultural. Eram heróis com os quais o povo poderia se identificar. Segundo Fátima Antunes (2004, p. 210), “mesmo sem pretensão de formular teorias sobre o assunto, Nelson construiu uma interpretação da brasilidade pelo futebol”.

Com a proximidade da Copa do Mundo de 62, Nelson granjeava ligar a nação brasileira ao futebol em suas crônicas. Para ele, a nação se uniria e os triunfos estimulariam a edificação da pátria em chuteiras passando o brasileiro a ser exposto como um homem genial, abarrotado de qualidades. O cronista disse quando da vitória brasileira sobre os espanhóis na Copa de 1962: “Amigos, era ali ou nunca. Setenta e cinco milhões de brasileiros precisavam mais do gol que todo o Nordeste de água e pão” (RODRIGUES, 1993, p. 100).

Dessa forma, vê-se que o jogo de futebol, mais do que uma disputa esportiva, também manifesta o confronto de culturas e identidades.

Há um momento, todavia, em que todos se lembram do Brasil, em que 90 milhões de brasileiros descobrem o Brasil. Aí está o

milagre do escrete. Fora as esquerdas, que acham o futebol o ópio do povo, fora as esquerdas, dizia eu, todos os outros brasileiros se juntam em torno da seleção. É, então, um pretexto, uma razão de autoestima. E cada vitória compensa o povo de velhas frustrações, jamais cicatrizadas (RODRIGUES, 1993, p. 206).

A identidade nacional disposta por Nelson Rodrigues reúne recursos negativos e positivos. Dentre os negativos, destaca-se a instabilidade emocional, a insegurança e a baixa autoestima manifestadas no “complexo de vira-latas”. Já os recursos positivos figuram pela sagacidade, agilidade, virilidade e molecagem. Todos esses elementos estão presentes, segundo Nelson, no futebol brasileiro.

Considerações finais

Não existe uma identidade nacional homogênea e estável, quanto mais se considerando que a formação cultural brasileira é marcada fortemente por um caráter eclético e sincrético. Mantendo forte compromisso com a estética textual, “À sombra das chuteiras imortais” permite um olhar matizado, complexo e privilegiado sobre a questão da construção da identidade nacional utilizando-se do futebol como elemento catalisador para tal. As crônicas de Nelson Rodrigues, não tinham como objetivo apenas renovar as tradições do esporte, mas principalmente cultivar uma imagem de um país vitorioso que conseguiu vencer o trauma do fracasso.

Tendo em vista que a identidade é demarcada pela diferença, para o brasileiro a característica distintiva é a mestiçagem. E, para Nelson Rodrigues, esta deveria ser enaltecida. Em suas narrativas, o cronista transitava pelo ideal do homem cordial, mas, apenas para criticar a submissão do brasileiro,

definida na figura do “complexo de vira-latas”. O mulato era a representação de uma brasilidade determinada pela criatividade, vivacidade, malandragem, superação, ginga e alegria, elementos que perceptíveis ao longo de uma partida de futebol.

Apesar do imenso repertório de temas do cotidiano, obsessivamente, Nelson Rodrigues transformou o futebol em enredo teatral. Os jogadores de futebol encarados por Nelson Rodrigues como heróis de um povo que sempre valorizou os elementos de festa e ludicidade, que de certa forma também foram fator de resistência, no sentido de permitir a ressignificação de injunções que não necessariamente faziam parte de uma formação cultural nativa. Através de símbolos como Pelé e Garrincha, Nelson mostrou que os brasileiros devem se aceitar como são e que se forem determinados, acreditando no seu potencial, nada impedirá o sucesso da nação.

O exagero textual e a teatralidade aproximam as crônicas esportivas rodrigueanas das obras de ficção e tornam o futebol mais importante do que os problemas sociais – como a seca no Nordeste brasileiro e a ditadura militar – em um período em que o esporte não era reconhecido como um assunto digno de ser tratado com seriedade e, por isso, deveria ser ignorado.

Referências

- ANTUNES, Fátima M. R. F. **“Com brasileiro não há quem possa!”**: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história cultural. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Coleção Obras Escolhidas, vol. 1)
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CASTRO, Ruy. **Anjo pornográfico**: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Didel, 1985.
- FREYRE, G. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 15. ed. Rio de Janeiro: Global, 2004. (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil; v. 2)
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.
- MICELI, Sergio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.
- ORTIZ, R. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

*Recebido em 2015-06-18
Publicado em 2016-02-14*